

O SOLDADO DO MINDELLO

FOLHA POLITICA LITTERARIA E UNIVERSAL.

Subscreve-se nesta typographia, e nas casas dos Srs. Paula Brito, praça da Constituição; escriptorio do *Periodico dos pobres*, rua do Ouvidor; e Nuno Alvares Silva, rua do cano n. 24, a 5\$ réis por anno; 3\$ réis por semestre, pagos adiantados; folha avulsa, 120 réis.— Sahirá á luz uma vez por semana.

Quem é escravo é vil. Sem Liberdade
Deixa o homem de o ser; é só gozando
De seus direitos que se tem no mundo
Contemplação, respeito, honra e caracter.

PIMENTA DE AGUIAR.

Viriato—Tragedia.

NECHROLOGIA.

A SENTIDÍSSIMA MORTE DA SERENÍSSIMA PRINCEZA A SRA.
D. MARIA AMELIA.

A Senhora D. Maria Amelia, essa digníssima e angelical Princeza, já não existe nesta morada de transição! Assim foi atravez do pó reunir-se ao existir da eternidade, para onde se escôa indistinctamente o ser temporaneo do monarcha e do plebeo, do rico e do misero!... Lá, nesse silencioso remanso de eterna paz, onde não ha gradações senão pela virtude e pelo heroismo, se fita nossa imaginação com lugubre e funerea saudade... pela flôr candida e mimosa que feneceu no verdor dos annos! enquanto cá na terra tributamos os ultimos officios de piedade e de luto sobre a lousa do tumulo a Seu despojo inanimado, que enquanto vivo tanto affagou os corações dos bons Portuguezes! *Sic transit gloria mundi!*

Eis-ahi o que a respeito de semelhante acontecimento diz a *Revolução*, e como com os nossos coincidem os seus sentimentos (nem que fosse um accordo ha muito assentado!):

« Se custa a ajoelhar a um throno, não custa a ajoelhar ante um sepulcro. Mais do que nas grandezas da vida está ali Deos e a humanidade.

« A dôr não conhece distincções mundanas. É um attributo da nossa especie que a nobilita e iguala. O coração dos reis baixa sem etiqueta á morada dos plebeos. O coração dos plebeos sóbe sem humilhação ao palacio dos reis. O sentimento solta-se de todas as convenções sociaes e reivindica a liberdade em que o gerára a natureza. No principio e fim da vida o mundo reconhece as leis supremas e imprescriptiveis da existencia. O berço e o tumulo são os grandes livros da verdade e da religião.

« Princeza, que estais com Deos, cercarão-vos no berço os grandes, os cortezaos, porque elles erão obrigados a celebrar na vossa pessoa as bondades que podieis não ter. No vosso tumulo cercão-vos os que virão na vossa face a aurora das vossas virtudes, os reverberos da gloria de vosso pai, os que forão seus companheiros d'armas em tantas batalhas sanguinosas, os que devêrão ao seu exemplo e á sua perseverança o ar da liberdade, os abraços dos pa-

rentes, os carinhos da patria, emfim todas as almas generosas que acodem mais depressa aos gemidos de consternação do que aos risos de alegria.

« Deos tem-vos preparado no céu uma côrte de preciosidades celestes. Cá na terra não ha nada maior, mais fino, mais sublime, mais extremado do que as homenagens da alma que em nome de tanta gente boa vos estamos offerecendo. Se pudesseis gozar de tantos bens sem que os males da vida vos atormentassem, podieis conseguir entre nós a vossa glorificação sem sermos condemnados a tanta saudade. Deos chamou-vos ao céu, porque só lá faz bemaventurados.

« Princeza, nós não choramos em vós nem os interesses da realza, nem as pretenções dynasticas: choramos a candidez de vossa alma, a agonia de vossa mãe, as lagrimas de vossa irmã, e a stirpe liberal em que os feitos de vosso pai vos entroncou. Talvez que a sorte vos tivesse destinado um throno, que affrontasse a sua memoria, que insultasse as suas cinzas. Subi áquelle que tendes immaculado na sepultura do vosso progenitor. Ficareis assim fiel ás crenças porque elle padeceu e morreu. Os tempos vão propicios a vexames e tyrannias. Morrestes isenta de participardes dellas. Talvez a vossa jerarchia vos obrigaria a ver em vosso marido a reprovação de vosso pai, e empregar em vão as vossas lagrimas pela mesma causa por que elle desembainhou a espada com tanta galhardia e fortuna.

« Mãi desolada, viuva honesta, este mundo acabou para vós. Deos, que vos desprende de elle, e que vos não chamou para o seu seio, ainda quiz experimentar a vossa coragem, e illustrar o vosso sofrimento. Tudo que é vosso está no céu. Com elle de hoje em diante vêm a ser todas as vossas communicações. Estais ainda entre nós para que vos vejamos padecer e orar. Se o Eterno vos escolheu para isto, é porque sabia a alma que vostinha dado. Elle não pôe sobre as suas creaturas cruz com que ellas não possuão.

« Faça-se lugar para nós no prestito funebre. Somos os *Soldados do Mindello* que vamos render as ultimas honras á derradeira filha do nosso general. Somos os democratas de 1848, que aprendemos a honrar e chorar os principes, não reconhecendo outra autoridade senão a dos povos. »

EXTERIOR.

De Lisboa o correspondente do *Jornal do Commercio*, escrevendo o parágrafo que aqui transcrevemos:

« Disse-se que o governo inglez recommendava a Portugal a fortificação das famosas linhas de Torres-Vedras, onde lord Wellington fez alto em 1810, quando retirava diante do exercito de Massena. Por ora não ha indício de semelhante recommendação, posto que as apprehensões de guerra na Europa tornem a reviver. »

E o de Paris, o seguinte periodo:

« Os actos mais notaveis da vida do actual imperador tem, por assim dizer, o cunho do imprevisto e do excepcional. . . . »
coincidem em convencer a menos atilado nas manobras politicas dos soberanos da Europa que o *Imperador da Paz* (no nome,) tem causado e será um indispensavel symbolo de guerra, nos seus actos, que já não podem retrogradar. Que antithese bella para um poema heroico-comico, tendo por assumpto—*O Novo D. Quixote!*—E é este o homem que se diz ainda mais sabio do que o *bom do Tio*, e cujo tino politico tem sido tão preconizado por grande numero de escriptores! Quanto a nós, diremos que *ao frigir dos ovos é que se vê quem tem manteiga*. Ou por outra—depois do porco morto é que se sabe quanto elle pesa.

Desejavamos não pouco orientar os nossos leitores do que pensamos do estado das cousas a respeito do mundo politico, e particularmente do nosso Portugal; mas a falta de espaço nos induz a guardar-nos para o seguinte numero; e então mostraremos que os jornalistas, contradictorios aliás, parece que cahirão em uma especie de torpor que lhes não deixa ver e apreciar os acontecimentos pelo lado que mais convinha a seus compromissos para com o commercio e as outras fontes da riqueza dos estados, quando naquelles está consagrado o seu porvir.

SEM RELIGIÃO NÃO HA LIBERDADE, SEM LIBERDADE NÃO HA RELIGIÃO.

Arida nimiamente, asperrima mesmo, é sem duvida a tarefa do escriptor publico que se acha conscienciosamente compenetrado de sua missão! Todo reconcentrado em si mesmo, e como que contrahida sua organização ao dominio fortuito da intelligencia, elle prescruta os arcanos de sua propria alma: figura entes de razão modelados pelas impressões que, tendo-lhe um dia modificado a sensibilidade, esvaecerão-se de envolta com o transpôr do tempo, e as compara ao presente com attenção imperturbavel; e dest'arte fertilisa-se sua imaginação de inspirações sublimes, de raciocinios rectos, e pois, absorto no mundo metaphysico, estabelece em corpo de doutrina theorias abstractas, e assaz judiciosas, que lhe servem de ponto de par- da para guiar-se no caminho por onde prevê que

deve chegar ao conhecimento da verdade, de onde acaba por fundar seus axiomas.

Foi possuido de semelhantes considerações que pos lançámos nesta dura mas gloriosa carreira; e é nellas que no porvir como no presente nos basearemos, sem jámais descrepar do dever sagrado que nos impuzemos; e esperamos attingir ao nosso fim, que é todo doutrinario e creador, sem nos resen- tirmos de nossa feliz obscuridade.

Quando pois traçámos em nosso 3.º numero o artigo—*Não ha religião sem liberdade, não ha liberdade sem religião*—, estávamos tão intimamente convencidos da veracidade de sua doutrina, aliás fundada sobre leis eternas da natureza, leis condi- cionaes da criação, que não temíamos resposta alguma de quem quer que fosse, mas sim algum insulto ou diatribe que é a unica arma dos inimi- gos da verdade: e assim aconteceu! Este pobre *Soldado* tem sido para os seus adversarios um tal veneno que cada dia tem elle tido a ineffavel satis- fação de os ver atacados de horrivel hydrophobia, ardendo em furias, fulminar os mais ignobeis sarcas- mos contra quem tem aquella assaz apreciavel pru- dencia e gravidade para despreza-los, conscio de que as settas ervadas no venenoso fel da calumnia, da vingança e da perversidade não podem offendel-o nem de leve. Por isso proseguiremos sustentan- do nossas theorias com aquella intrepidez que cons- titue um verdadeiro athleta da liberdade.

Entremos em materia.—Nem sempre os objectos representam aquillo que parece aos homens pelo testemunho dos sentidos, a que nós chamaremos *influxo physico*: para delles possuirmos uma idéa exacta, convém que elles sejam decompostos e ana- lysados na sua expressão mais simples; e que em seguida façamos de suas partes uma synthese muito assisada, para podermos aprecia-los com verdadeira justeza: e em boa hora o digamos, nisto não crea- mos uma doutrina original... é isto uma theoria sedica, accessivel ás mais escassas percepções.

Neste viver dos finitos só podemos suppôr a idéa da existencia do infinito pela tradição e pelo testemunho dos homens, agentes estes ambos dependentes de uma circumstancia unica,—o juizo e o discernimento mais ou menos illustrados e exactos de creaturas humanas,—imperfeitas, e sujeitas ás paixões, embaladas pelo oscillar e influxo reflexivo da ignorancia, incapazes por isso de transmittir com exactidão, nem mesmo que o tentassem, as verdades da historia da humanidade ás gerações vindouras. É pois forçoso, como dissé- mos, entrar em um rigoroso exame e analyse do que existe; e ahi, apoiando-se em uma razão escla- recida e n'um juizo recto, estudar e conhecer pelas differentes modificações dos variados objectos e seres de que se compõe a criação, prescrutar suas anomalias e suas combinações, para podermos ter uma conclusão ao menos provavel do principio de que foi ella derivada, entretanto que a antigui- dade estava sobre este ponto inteiramente cega.

Partindo desta base, cabe-nos estabelecer os axiomas que — Se o homem é imperfeito, não póde

dar um testemunho perfeito, — assim como o círculo não póde ser triangulo. — Se a ignorancia é não ter conhecimentos, não póde transmittir conhecimentos, — porque ninguem póde dar o que não tem. — Josué, por exemplo, transmitta a Biblia que fizera parar o sol: e Copérnico, depois Gallileo, e por fim Newton provarão que o sol não se movia senão na sua orbita, como todos os planetas, inclusive a terra.

Ora, fica muito claro que, não havendo quem jámais visse mover-se o sol em si mesmo, ou parcialmente, pois seu movimento, lá excessivamente rapido, é occultado pelos milhões de milhas que no-lo separam, e vendo-o com constancia e infallibilidade eterna apparecer no nascente e desaparecer no occaso, certamente concluirão os observadores daquelle tempo, mediante as poucas luzes do seu seculo, que, qual machina aerostatica, o sol *navegava* em torno do nosso planeta, a terra, quando esta é quem gyra sobre seus eixos na sua respectiva orbita. A terra era então espherica, e a natureza ainda no tempo de Paschal, como referem Bertrand e muitos outros autores de nomeada assaz celebre, repugnava ao vácuo: hoje é aquella espheroidal; e são as camadas da massa atmospherica que, gravitando para o centro dos planetas, por força attractiva das tiges magneticas, e segundo outros, pelo movimento centripedo, neutralisam o vácuo na espessura de sua atmosphaera respectiva, mas na qual, mesmo a seu despeito, depois que o grande Ottão Guerike descobriu a machina pneumática, hoje se produz esse vácuo, repugnado outr'ora: e eis-ahi verazmente controvertido o testemunho dos sentidos, caduca a historia, e nullas as tradições. Serodio fôra em demasia o referir aqui os innumeraveis exemplos que poderíamos invocar para corroborar nossas doutrinas, fundadas nas leis eternas que regem todos os seres e todas as idéas; e não temos a estollida vaidade de persuadir-nos que nos pertence exclusivamente o conhecimento de taes exemplos; muitos dos nossos illustres leitores os saberão melhor do que nós.

Mas partindo de taes premissas, e não do *falso supposto* como o fazem nossos antagonistas, podemos unicamente inferir que, visto como todos os povos tem instinctivamente a sua religião, é ella um sentimento innato ás creaturas humanas. Reconhecendo porém a excellencia e supremacia da religião *primitiva* de Jesus-Christo, teremos comtudo alguma razão para figurar o Altissimo, em Quem se revela uma bondade infinita em todas as maravilhas da criação as quaes reparte indistinctamente com todos os povos, com todos os climas, um Deos de vinganças e de anniquilação, votando á perdição tantos povos a quem Elle mesmo creára?!... Um Deos creando HOMENS para serem atormentados por uma eternidade, só porque lhes não chegou a palavra do nosso evangelho!... Ah! não! mil vezes não! não é possível! O Eterno creou os homens, dotou-os de razão, implantou-lhes na alma o sentimento religioso de envolta com a liberdade, e os revestio das faculdades que o presuppõem, e eis tudo: cumpre pois estu-

dar  PHILOSOPHICAMENTE o homem, e depois a natureza, como um todo de que elle faz parte; e por fim DEOS, como CAUSA primaria e EFFICIENTE de tudo o que existe; isto é (como ensinão os escolasticos), — DEOS, NATUREZA, HOMEM —; e vir-se-ha no conhecimento humanamente exacto de que, dotados os homens da tendencia religiosa, podem saciar-lhe os impulsos por qualquer fórma e serem agradaveis a Quem os creou, basta que pratiquemos a virtude.

Ora, nossos actos sendo livres por um lado, estão não obstante subordinados a considerações de nosso proprio interesse por outro; pois — como teremos a certeza de que os outros cumprirão seus deveres para conosco, se nós não cumprirmos os nossos deveres para com elles? — Se nós temos em nossa alma o sentimento religioso, como havemos incutir a dôr no nosso semelhante, creatura de Deos como nós, se não queremos que elle nos irroque igualmente a dôr?! Ou, por outra, nós inhibimo-nos de causar a dôr aos outros para que nos elles não causem outra igual; resultando deste accordo o interesse proprio, o interesse dos outros, e o interesse de Deos: eis-aqui a base fundamental das idéas de religião, sendo os filos, na accepção philosophica, apenas modificações por que ella é moldada.

A religião portanto, como o dogma das crenças a respeito das cousas divinas, é, seja-nos licito avançar-lo, o sentimento que mais parece innato ao coração humano: é o culto, o amor e a gratidão que tributamos ao Creador da natureza: mas seus ritos divergem á proporção da variedade dos povos ou dos seres humanos que povoão a terra; seu fim porém é um e unico, e por isso todas as religiões podem ser uteis. Aos que ignorão os mysterios da nossa santa religião toca tanto direito a um cantinho da mansão bemaventurada como aos nossos compadres, por isso que todos emanão da Alta e Eterna vontade do Omnipotente.

Segue-se d'aqui irrefragavelmente que para termos liberdade é indispensavel que tenhamos religião: esta suppõe os DEVERES, aquella os DIREITOS: mas também mostrámos e o provámos com exactidão ao menos analogá á mathematica que não póde existir religião sem liberdade.

Os tyrannos pois que assim tem esbulhado os povos de seus inquestionaveis direitos, usando de mil e uma artimanhas, de multiplices estrategias, abusando da autoridade que lhes havemos confiado, tem sido o maior inimigo da religião mediante esse consorcio com os padres e frades, afim de tolher-nos a liberdade; e desgraçadamente o tem conseguido apoiados na expulsão da consciencia que nunca mais voltou a seus ferreos corações! Fazendo os povos passar por innumeraveis martyrios tem tornado, com já o dissemos, uma religião tão santa e tão sublime, qual é a catholica romana, odiosa, fazendo della uma religião de sangue, de flagícios e de perseguição. E desse mesmo odio se tem elles servido como poderosa arma contra os mesmos povos.

Mas, juizo eterno de Deos! Ainda mesmo atravez

de tantas provanças, ahí vemos os liberaes em toda a parte prostrados ante o Throno do Cordeiro, cheios de unção verdadeiramente religiosa, exaltar até onde o pensamento fatigado adormece em seu limite os sacratissimos mysterios da Cruz do Redemptor!... E' sob o poderoso influxo dos governos livres que os poetas, os oradores e os escriptores tem divinizado nossas piedosas crenças; provando d'est'arte que o Salvador nos veio dar a liberdade só com o intuito de que de puro coração e com uma convicção profunda, determinada por uma vontade decidida, o adorassemos e Lhe prestassemos o mais devoto, o mais fervoroso e o mais solemne culto!

Sim! tyrannos! Ainda hoje apparecem Titos e Marcos Aurelios que protejão os povos contra o despotismo.... Ainda ha bons principes: os liberaes, ora avisados, saberão aproveitar-los em tempo conveniente: e sempre grandes, sempre magnanimos, vencer-vos-hão com a generosidade e nobreza de alma, que tanto os caracteriza, liberalizando-vos os thesouros que o consorcio da religião com a liberdade lhes outorga, como sempre o tem feito! Ah! podesseis vós os miguelistas dizer outro tanto!

E' pois assim que, como dissemos: « O nosso liberalismo é fundado no amor do nosso Creador que nos lançou em um paraíso de delicias, e só os tyrannos no-lo convertem em inferno de dores, quando mesmo lhes resultem ainda maiores dores. »

SOLDADO DO MINDELLO.

Muito tem dado que fazer aos Srs. miguelistas este pobre *Soldado*! que na mente de alguns delles ha de morrer por força, ainda que para isso se gaste muito dinheiro e se use mesmo da violencia!!!...

Daqui offerece-se dinheiro ás carradas a quem deixar de vender esta folha; dalli offerece-se ainda mais dinheiro a quem dêr uma boa tunda de páo ou coser a facadas o seu redactor. Muito dinheiro possuem os miguelistas! E nós, os liberaes, é que somos os ladrões!

Pois bem, embora; nós *chamar-nos-hemos*, ladrões, e elles SÃO quem tem ROUBADO o dinheiro, que ora prodigalisão ás mãos cheias, para nos fazer calar.

Fique essa questão de parte por hoje; outro é agora o nosso proposito.

No entanto dizem uns que a folha é mal escripta; e outros aventurão que a sua redacção é de pessoa de alto cothurno, quando o individuo que a escreve é de mui obscura condição, e com a qual se crê mui satisfeito. Assim pois, a celeuma afanosa que se manifesta nas turbas miguelinas bem revela quanto os incommoda o exercicio de esgrimir a arma do raciocinio, pois vêm que ao menor recontro lá estão suas lanças feitas em astilhas e em numerosos *cavacos*, entretanto que antes da appareção do *Soldado do Mindello* tanto blasonavão com o ma-

nejo da arma da intelligencia!—A arma da intelligencia! Vos?! Scelerados! e assim profanais com vossos asquerosos labios uma palavra tão santa, que representa uma faculdade soprada pelo Eterno no espirito de suas creaturas racionais, mas na qual tantas vezes tendes entranhado vossos viperinos dentes?! Ah! tende ao menos um tenue vislumbre de consciencia; dai ouvidos á razão que vos falla... Mas que! Quem melhor do que vós sabe que a consciencia vos anniquila, que a razão vos mata, e que o acicate dos remorsos, se delles podeis ser susceptiveis, vos dilacera as entranhas, pois desde que proferis semelhante palavra, A INTELLIGENCIA, vos condemnais, vós proprios, a vossos proprios olhos, á execração de Deos e dos homens?!

E para vossa maior desgraça procedeis como doudos varridos!... Alardeaveis intelligencia emquanto não apparecemos em campo, e agora propalais que o *Soldado do Mindello* deve morrer, porque assim o quereis, porque tanto póde o vosso ouro! o que bem prova quanto ignorais o que seja a INTELLIGENCIA, (suprema diva, baixada do céo!) e a nenhuma confiança que nella tendes; tanto mais quando se della possuísseis ao menos *um nada*, deixarieis o *Soldado do Mindello* entregue a si e ao desenvolvimento dos axiomas com que vos tem pulverizado, já que lhe não podeis responder com razões plausiveis, e assim o *Soldado* não seria tão bem acolhido como tem sido, por isso que o quizestes por força metamorphosear em martyr do dever, da liberdade, da intelligencia!—E então? Sois loucos ou não?...

Como pois recorreis á força bruta, ou antes á arma da violencia, nós vos desprezamos como a vis reptis que rojão pela terra, e sem jámais attender a essa colossal montanha de sophismas á sombra da qual vos acastellais, iremos avante nosso caminho, sustentando os principios eternos em que assenta a doutrina evangelica do liberalismo, e abandonando-vos ao desespero que vos exacerba as iras, justissima punição do mal que nos tendes feito... destino tremendo e medonho que vós mesmos procurastes, e ao qual já remedio algum dar não podeis!!!...

MAXIMA.

AO ANTHROPOPHAGO DA BENERANDA.

Muitas vezes o silencio do desprezo é a resposta mais energica que o homem sisudo e douto póde dar ao nescio e bruto.

(Seneca.)

BOATOS.

Ha quem affirme, até com a certidão de baptismo, que o Rev. *Beneranda* é natural de *Gallija*! Nós duvidariamos, á vista da emphasis com que esse Revm. *maroto* enche as bochechas de ser Portuguez como as dobras de um balão a abrir-se! Forte cachorro! Passa fóra, cão damnado!!!.....